

Delegação brasileira leva o "feijão com arroz" ao FMI

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

A equipe brasileira que apresentará o programa econômico ao Fundo Monetário Internacional (FMI) segue domingo para Washington. Informações colhidas no Ministério da Fazenda indicam que entre as propostas está a mudança da URP, que seria "trimestralizada". A missão deverá estar de volta na quinta-feira.

Entre as propostas que serão apresentadas ao FMI, incluídas no plano "feijão com arroz" do ministro Maílson da Nóbrega, alinha-se ainda uma série de medidas clássicas e algumas inovadoras, no sentido do contingenciamento de crédito para Estados, municípios e organismos estatais, ao mesmo tempo em que tenderá a promover um alongamento do perfil da dívida pública (promover a venda de títulos com vencimento a longo prazo). Paralelamente, prepara-se um sistema mais eficaz de controle das políticas monetária e fiscal.

No domingo, também, segue para os Estados Unidos o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, para retomar as negociações com os bancos credores e também voltará na quinta-feira.



30-11-87

Milliet viaja para novas negociações

Milliet teria trazido às autoridades brasileiras uma nova opção para a renegociação, que deverá incluir o pagamento de US\$ 300 milhões dos US\$ 580 milhões devidos em juros pelo Brasil, referentes ao mês de janeiro.

O esboço do programa econômico levado ao FMI será apresentado aos bancos credores, que estariam exigindo algum tipo de monitoramento da economia brasileira, o que somente poderia ser feito pelo FMI. Ainda que tentando impor a desvinculação de desembolso entre os acordos a se-

rem firmados pelos bancos e o Fundo, o Brasil admite, na prática, uma vinculação do programa econômico ao monitoramento.

Os bancos credores estão renitentes em não elevar o montante oferecido para o refinanciamento do vencido em 87 e que vencerá em 88, além de parte de 1989 — US\$ 5 bilhões, na expectativa de que o Brasil venha a completar suas necessidades de financiamento em outras fontes. Isto, no entanto, está cada vez mais difícil, pois o saldo com o FMI e o Banco Mundial dificilmente deixará de ser negativo, contra o Brasil, pois o País terá de pagar mais do que poderá obter junto às duas instituições. Após o acordo com o Fundo, no entanto, melhoraram as perspectivas de um novo acordo com o Clube de Paris.

Já a última previsão de inflação do IBGE entregue ao ministro da Fazenda, na quarta-feira (16,8% a 17,1%), foi explicada pelos técnicos como uma reversão de expectativas por motivos ainda não identificados corretamente. As estimativas anteriores, que variavam até os 19%, haviam sido feitas com base nos resultados das pesquisas realizadas no eixo Rio-São Paulo-Belo Horizonte. Geralmente, estes resultados são inferiores às médias das demais regiões e, surpreendentemente, segundo informação do Ministério da Fazenda, no mês de fevereiro teria havido uma inversão neste quadro.